

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19



Ἰσοπέδιον ἔστω τοῦ ποταμοῦ
καὶ τῆς πόλεως ἵσος ἡ ἀκρόπολις
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

JOSÉ AUGUSTO RAMOS, MARIA DO CÉU FIALHO, NUNO SIMÕES RODRIGUES (coords.), *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, 574 pp., ISBN 978-989-8068-01-9.

Mais do que recensear a obra em epígrafe, sinto que, à cabeça, é meu dever recomendá-la como colectânea de estudos que se distingue no panorama editorial por razões que procurarei enunciar.

Começarei por um aspecto aparentemente de somenos importância: trata-se de um volume esteticamente cuidado, desde a capa, atraente mas sem espaventos supérfluos, até à mancha gráfica que facilita a leitura. Registo também, com louvor, a forma inteligente e sugestiva como vai assinalado o início de cada um dos capítulos, apondo-lhes uma pequena reprodução de frescos, vasos, esculturas, mosaicos, graffiti, que lembram as *tabellae* com que os Romanos embelezavam as paredes das suas *domus*, sem preconceitos nem moralismos deslocados. Tais quadrinhos acabam por vir suprir, com dignidade e bom gosto, a ausência de gravuras e reproduções que, se tornariam o livro mais apetecível para um público *voyeur* ou de mais ligeira cultura, teriam sem dúvida embaraçado os organizadores pelo aumento de custos da edição e pela dificuldade de optar entre a profusão de belas e imorredouras representações da sexualidade no mundo antigo.

Deu-se, assim, primazia aos textos. E quando falo de textos, refiro-me não só aos que este conjunto de especialistas produziu e publicou nas quase seiscentas páginas que constituem este volume, mas também aos textos que a Antiguidade nos legou. Entendo aqui «texto» num sentido muito amplo, e com isso saúdo a perspectiva sólida e exaustiva como o tema da sexualidade foi tratado, sustentando as análises muito menos no saber dos outros – sem todavia o desprezar, como importa quando se trabalha com rigor científico – do que na leitura próxima, original e perspicaz dos materiais. «Texto» designa, assim, nesta perspectiva em que o emprego, não apenas os textos, no sentido tradicional do termo, que até nós chegaram, mas ainda muitas outras fontes que, quantas vezes, nos dão um retrato bem mais fiel da vivência do quotidiano, do modo de sentir, agir e reagir dos nossos antepassados. Há, nesta colectânea, belos capítulos que se ocupam do que os vestígios arqueológicos nos deixam conhecer, do que podemos ler na cerâmica, em inscrições, nos grafitos, na iconografia, em sábia harmonia com os estudos que se centram nos tex-

tos literários, jurídicos ou médicos. Daqui resulta um vasto fresco que resgata à noite dos tempos o sentido da sexualidade para os homens do mundo antigo, quer eles pertencessem às elites económicas, sociais ou intelectuais, quer fossem anónimos artesãos, soldados embrutecidos, frequentadores de lupanares e tabernas, homens e mulheres do vulgo que escreviam toscamente nas paredes o que os sentidos lhes ditavam, irmanados afinal, todos eles, nos mesmos impulsos sexuais, nos mesmos afectos e no mesmo desejo de sorver a vida até à última gota.

A viagem pelos tempos, em busca de testemunhos pertinentes para a abordagem de tema tão rico e intemporal, foi longa e de múltiplas etapas. Os trinta e dois estudos cobrem um arco cronológico tão vasto quanto o que vai do mundo pré-histórico ao tempo de S. Jerónimo, com o cristianismo triunfante a impor uma decisiva inflexão na perspectiva pela qual a sexualidade humana era encarada.

Nestes muitos séculos – em rigor falamos de milhões de anos – tomados como objecto de análise, os estudos agrupam-se em blocos, nem sempre estanques como é evidente pela transversalidade de algumas matérias como seja a dos saberes médicos – e que podemos acompanhar em fio condutor de cariz cronológico: após o belíssimo estudo sobre «O sexo na pré-história» – e os mais desprevenidos que atentem, ao lê-lo, na inverdade de conclusões precipitadas que nos podem levar a pensar que pouco ou nada é possível saber, sobre o tema, em tempos tão remotos – depois, dizia, desse estudo introdutório, nove comunicações ocupam-se da denominada Antiguidade Pré clássica e levam-nos ao conhecimento do Egipto, da Mesopotâmia, da área do mundo bíblico e dos estudos fenícios e púnicos, da sua literatura de envolvente poesia e erotismo, da sua arte e das suas construções mitológicas carregadas de simbolismo e mistério que importa desvendar e compreender, dos seus códigos de leis ou práticas sociais ou de culto que há que interpretar. A este bloco segue-se a secção dedicada à Antiguidade Clássica grega. Num longo desfilar de autores de génio imortal como Homero, Hesíodo, os líricos, os trágicos, os cómicos, os oradores, Platão, Heródoto, numa leitura simbólica dos mitos enquanto reflexão sobre o sentido da sexualidade, sem esquecer, como disse já, os textos médicos ou o conhecimento de outros tipos de documentos como a cerâmica ática ou a escultura, podemos contar com dez capítulos que vale a pena ler pela justeza da leitura e das conclusões, e que não esquecem os diferentes modos como a sexualidade se realiza, ao propor a abordagem e a reflexão

sobre questões como a prostituição, a homossexualidade masculina ou o homoerotismo feminino.

A secção dedicada à Antiguidade romana é a mais extensa, em número de capítulos (que são doze) e em número de páginas, sem no entanto romper o equilíbrio estrutural que a obra apresenta, num olhar profundo sobre as diferentes civilizações do mundo antigo.

Esses doze estudos sobre a Antiguidade romana combinam o foco especial sobre a obra de alguns autores, como Lucrécio, Suetónio, os elegíacos – com especial relevo para o maior de todos eles, Ovídio – com visões de conjunto sobre a presença e o significado do tema da sexualidade num leque mais vasto de autores da República e do principado; sugerem ao leitor outros textos que, pela crueza do registo, mais arredados têm andado dos cânones literários – injustamente, deve dizer-se – como os do *Corpus Priapeorum*; assumem estimulantes propostas de interpretação sociológica, como a que se ocupa do amor marginal dos lupanares; desvendam o papel da sexualidade na esfera do religioso, concretamente nos rituais báquicos; debruçam-se sobre os rigores da legislação augustana enquanto factor (obviamente inoperante) de ordenação da sociedade e de tentativa disciplinadora de mentalidades e práticas, numa perturbadora intromissão do Estado e das leis na vida privada, que outros tempos e outros povos tão amargamente haveriam de sofrer; mas logo revelam, em estudo sobre os grafitos e os frescos de Pompeios, a verdadeira face da sexualidade transbordante, que não se domina nem se disciplina, que transgride e se expande, palpitante de vida, em confissões, insultos, medo, ufanias, desafios, ilusões. Nesta secção, não podia faltar um olhar mais demorado sobre a iconografia, buscando desvendar as linhas sociológicas da arte erótica romana. Por fim, sendo os Romanos um povo caracterizado pela estrutura exemplar do seu exército, não deixa esta colectânea de nos apresentar o modo como esse exército se comportava perante a sexualidade, enquanto microcosmos revelador do macrocosmos da sociedade romana.

Como já disse, fecha esta colectânea um estudo que se debruça sobre a perspectiva que o cristianismo veio trazer ao modo de entender a sexualidade. É um caminho novo, que, todos o sabemos, marcou de maneira indelével a forma como a cultura ocidental veio a lidar – e lida ainda – com todas as questões e comportamentos relativos à sexualidade.

Uma palavra é devida à bibliografia que fecha este volume. Tomaram os seus organizadores a acertada decisão de reunir todos os títulos

citados pelos diferentes colaboradores numa mesma lista bibliográfica, evitando inevitáveis repetições e pondo ao dispor dos leitores uma extensa e actualizada informação de mais de vinte páginas sobre os títulos que poderão ser guia em leituras posteriores e em investigação mais desenvolvida que se deseje empreender.

Participaram neste projecto trinta e dois estudiosos, todos portugueses, todos ligados à docência e à investigação, como provam as nótulas biobibliográficas que os organizadores do volume oportunamente entenderam incluir na introdução. Provêm das mais variadas Universidades e estabelecimentos de ensino, têm todos formação pós graduada e um elenco de publicações que a contenção das referidas nótulas apenas deixa entrever. Reuniram-se, primeiramente, num Colóquio de três dias (24 a 26 de Outubro de 2007), em torno do tema que dá título a este volume, numa das primeiras realizações científicas de um protocolo que uniu o Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, protocolo que bem demonstra a afinidade de objectivos e a identidade de interesses da área da História e da dos Estudos Clássicos. Esse Colóquio, recorro-o de ter acompanhado as sessões, encheu as salas mais amplas desta Faculdade com um público variado, largamente constituído por estudantes de 1.º e 2.º ciclos, que assistiam às conferências com visível interesse e atenção, e – ao contrário do que é habitual nestas iniciativas académicas – inter-pelavam os oradores, a quem colocavam dúvidas ou com quem partilhavam opiniões. O interesse que então sentimos todos os que acompanhámos esses três dias recheados de boas comunicações haveria de ter, como se adivinhava, uma sequência. E assim nasceu um Curso Livre sobre a mesma temática, e também este volume que não pode chamar-se exactamente de Actas porque nele se reuniram não só a quase totalidade das comunicações na ocasião proferidas, desenvolvidas para publicação, mas também alguns outros estudos que a seu tempo os organizadores do Colóquio entenderam que faltavam no grande painel temático que quiseram tão completo quanto possível.

O resultado aqui está, dando prova de uma vitalidade de que alguns mais cépticos poderiam descrever relativamente à investigação que se faz entre nós, desmentindo todos aqueles que querem relegar as ciências da Antiguidade para um lugar marginal, considerando, a um tempo, que nada de novo se pode dizer sobre civilizações tão remotas e tão estudadas, e que de nada nos servem hoje, numa sociedade escravizada pela técnica, os ensinamentos que o mundo antigo

nos legou. Bem ao contrário, a leitura destes trinta e dois estudos, modelares na área da história das mentalidades, abrem uma janela para um mundo que não está assim tão distante de nós, e a luminosa viagem que nos proporcionam à Antiguidade leva nos ao encontro de sentimentos, emoções, esperanças, sobressaltos de alma ou pulsões do corpo, instintos mais próximos do que há de mais irracional, mas também de mais intrinsecamente vital, em cada um de nós, ou então, simplesmente, desvenda-nos a doce e eterna música do amor, que desde sempre o homem procurou, em busca incessante a que só o encontro da pessoa amada, ou então a morte, põe termo. É também disso que este livro nos fala, e por essa via podemos afirmar que nada há de mais actual, de mais igual a nós, do que aquilo que lemos no percurso e nas palavras dos que nos precederam em centenas, milhares de anos, nos mesmo trilhos e códigos da sedução, nos mesmos gestos da atracção dos corpos, na amarga condição humana que se esgaça entre o que se sonha e o que se vive, no mesmo desengano dos amores traídos, na mesma emoção ao toque da pele amada. Tal como não pode deixar de nos perturbar – para nos fazer reflectir – a revelação, no amplo campo da sexualidade dos nossos maiores, e o encontro com o mesmo lado negro do ser humano, na violência que brutaliza, domina, humilha, explora e aniquila.

Como era *topos* na Antiguidade (*I, liber...*, «vai, livro», dizia Marcial, num eco de Horácio e em jeito de apreensivo adeus), os autores deste volume vêem agora a sua obra partir para o mundo onde o público, decerto exigente, o julgará. Não devem, contudo, sentir o receio que os Antigos simulavam ter relativamente ao modo como o seu livro seria recebido entre gente que poderia não ter para com ele nem admiração nem sequer benevolência.

É sólido e estimulante o trabalho que aqui se entrega nas mãos de um público que, adivinho-o, será bastante vasto. Pelo interesse que a intemporalidade do tema suscita. Pelo leque sugestivo de comunicações que, pela simples consulta dos títulos, desperta a curiosidade e convida à leitura. Pelo equilíbrio conseguido entre a seriedade da investigação académica e o empenho em divulgar a cultura clássica junto de um público não necessariamente especialista. Pela reflexão interpelante que a todos desafia a querer saber mais e nos mostra a nova luz o que julgávamos na penumbra.

Arnaldo do Espírito Santo